

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DO
CAMPO DO CURRÍCULO: entrevista
com Antônio Flávio Barbosa Moreira**

**THE INTERNATIONALIZATION OF
THE CURRICULUM FIELD: interview
with Antônio Flávio Barbosa
Moreira**

**LA INTERNACIONALIZACIÓN DEL
CAMPO CURRICULAR: entrevista con
Antônio Flávio Barbosa Moreira**

Resumo: A internacionalização do campo do currículo é um fenômeno estudado há vários anos pelo professor Antonio Flavio Barbosa Moreira, grande referência dos estudos do currículo no Brasil. Usando como base categorias como globalização, identidade cultural e diversidade, associado a recentes processos de internacionalização, a entrevista busca atualizar as compreensões do autor sobre esse processo de internacionalização, sobretudo diante de tempos pandêmicos, em que a educação e o currículo passaram por transformações relevantes.

Palavras-chave: Currículo. Internacionalização. Identidade Cultural.

Recebido em: 20/03/2023
Aceito em: 29/03/2023
Publicado em: 06/06/2023



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v16i2.66230

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Marcus Vinicius Siqueira Dutra

Mestre em Educação

Doutorando em Educação pela
Universidade Católica de Petrópolis, Brasil.

E-mail: marcus.42140099@ucp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5292-289X>

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel

Doutor em Comunicação

Professor da Universidade Católica de
Petrópolis e da Universidade Estácio de Sá,
Brasil.

E-mail: marcelomocarzel@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2780-0054>

Antonio Flavio Barbosa Moreira

Doutor em Educação

Professor da Universidade Católica
Petrópolis e Professor Emérito da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Brasil.

E-mail: hafmcju@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7097-0238>

Como citar este artigo:

DUTRA, M. V. S.; MOCARZEL, M. S. M. V.;
MOREIRA, A. F. B. A
INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAMPO DO
CURRÍCULO: entrevista com Antônio
Flávio Barbosa Moreira. **Revista Espaço do
Currículo**, V.16, N.2, P. 1-4, 2023. ISSN 1983-
1579. DOI:
<https://doi.org/10.15687/rec.v16i2.66230>

Abstract: The internationalization of the curriculum field is a phenomenon studied for several years by Professor Antonio Flavio Moreira Barbosa, a great reference in curriculum studies in Brazil. Using categories such as globalization, cultural identity and diversity as a basis, associated with recent internationalization processes, the interview seeks to update the author's understandings about this process of internationalization, especially in the face of pandemic times, in which education and the curriculum have undergone relevant transformations.

Keywords: Curriculum. Internationalization. Cultural Identity.

Resumen: La internacionalización del campo curricular es un fenómeno que viene siendo estudiado desde hace varios años por el profesor Antonio Flavio Barbosa Moreira, gran referente de los estudios curriculares en Brasil. Tomando como base categorías como la globalización, la identidad cultural y la diversidad, asociadas a los recientes procesos de internacionalización, la entrevista busca actualizar los entendimientos del autor sobre este proceso de internacionalización, especialmente ante tiempos de pandemia, en los que la educación y el currículo han sufrido importantes transformaciones.

Palabras clave: Currículo. internacionalización. Identidad cultural.

O professor Antonio Flavio Moreira Barbosa é uma das maiores referências em estudos do currículo no Brasil. Foi responsável, ao lado de nomes como Tomaz Tadeu da Silva, pela atualização em contexto nacional da própria compreensão do que seria o conceito de currículo, servindo de referência para muitos outros pesquisadores que seguiram estudando o campo.

Licenciado em Química e em Pedagogia, concluiu o Mestrado em Educação em 1978 na Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorou-se em Educação no Instituto de Educação da Universidade de Londres, em 1988, sob orientação do professor Michael Young. É professor titular aposentado e emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis. Ao longo de sua trajetória, desempenhou importantes funções em diferentes órgãos e associações, com o Comitê de Avaliação da Capes e o Comitê de Assessoramento do CNPq, ambos na área de Educação. É pesquisador Sênior do CNPq (Pq-Sr), bolsa concedida somente a pesquisadores que se tornam referência em suas respectivas áreas e mantém-se ativos na produção de conhecimento.

A presente entrevista foi realizada em 18 de novembro de 2022, na Universidade Católica de Petrópolis, conduzida pelos entrevistadores Marcelo Mocarzel e Marcus Vinicius Siqueira Dutra. Buscou-se dialogar com o professor Antonio Flavio sobre seu projeto de pesquisa alguns anos depois de concluído, sobretudo porque tivemos uma intensificação nos processos de internacionalização em todas as áreas.

A pesquisa inicial sobre a internacionalização do campo do currículo que teve vigência entre 2010 e 2015, contou com apoio do CNPq e Faperj e gerou artigos que foram publicados em periódicos (BARBOSA, 2012; BARBOSA; RAMOS, 2016). Porém, como o próprio pesquisador aponta em seus escritos, trata-se de um processo contínuo e dinâmico e esta entrevista buscou compreender, prioritariamente, quais as mais recentes transformações identificadas. No restante do texto apresenta-se a entrevista propriamente, com perguntas e respostas.

Entrevistador: Suas pesquisas sobre a internacionalização do campo do currículo apresentam como resultado uma narrativa de mudança de paradigmas. Poderia nos falar um pouco sobre essas mudanças? A internacionalização do currículo é, em si, uma mudança de paradigma?

Entrevistado: A internacionalização do campo do currículo provoca sim uma mudança de paradigmas. Porque quando o campo se internacionaliza, ele se transforma. Efetivamente não é uma transformação simples, é uma transformação bastante profunda. Passa-se a ter uma série de influências outras, que antes não aconteciam, que passam a reverberar no campo do currículo. Isso é um caminho sem volta. Dificilmente agora haverá um campo recolhido, o campo está sempre se ampliando, sempre sofrendo influências, e, nesse momento, fortes influências. Assim, vemos políticas curriculares sendo transferidas de um contexto a outro, com as devidas adaptações locais.

Entrevistador: A globalização, de um lado traz acesso à diversidade de experiências, mas por outro

facilita processos de uniformização e padronização dos currículos. Como você enxerga esse processo?

Entrevistado: É um processo híbrido. Realmente ocorre uma padronização, que vai se ampliando e dominando diferentes espaços. Haverá um domínio ideológico, com certeza. Vai depender do momento, das circunstâncias políticas e econômicas, dos países em questão, de uma série de fatores. Mas sempre haverá esses dois fatores interagindo intencionalmente e, claro, algum predominará, com tendência ao externo. Eu acredito plenamente nisso. Às vezes, as experiências se diversificam e se relacionam, mas existe uma tendência a homogeneização a partir do global, promovendo perdas de valores locais.

Entrevistador: Mas isso não geraria, por exemplo, uma imposição de valores, algo negativo? A narrativa curricular inglesa, seu foco de estudo, se adequaria às necessidades ou de outras partes do mundo, sobretudo àquelas submetidas aos valores de quem os criam? Não haveria aí uma imposição primeiro mundista?

Entrevistado: Nós estamos falando de uma possível imposição, de caráter colonialista, imposições de ideias, valores, regras, a partir de instituições internacionais, por exemplo. Nós poderíamos entender isso, não como algo harmônico, mas talvez como algo necessário e irrefreável diante dos padrões atuais de mundo, e, que devesse se dar da melhor maneira possível. Diante da força das imposições externas, forças locais serviriam de resistência e contraponto. Os debates locais buscariam a preservação de seus valores, de suas identidades culturais, na medida do possível, é claro, pois nenhuma cultura está totalmente fechada à influência das demais.

Entrevistador: E você diria que no Brasil os valores seriam outros? Seria possível constituir uma política curricular tipicamente nacional?

Entrevistado: Para sempre?! Acho improvável para agora e para o futuro. Possível é, mas não é muito provável. As influências externas são muito fortes e as políticas internas não conseguem agir de forma isenta. Podem ocorrer mudanças de um governo para o outro, mas ficar totalmente isento das intenções dos organismos internacionais é quase impossível. Poderíamos supor que o processo se organizaria, meio que fechado às influências de fora, tentando olhar mais para o local. Bom, isso é possível também, mas eu acho muito pouco provável, para ser bem sincero.

Entrevistador: Houve avanços nos debates acadêmicos locais e regionais sobre a internacionalização do currículo?

Entrevistado: Não sei se essa palavra avanço representa o que aconteceu, ela diz mesmo o que terá havido em termos do processo de internacionalização, mas ocorreram mudanças significativas, algumas dentro, outras bem fora, daquilo que se entende por um processo de globalização do currículo. Mas pelo olhar local, não sei se podemos chamar de avanço.

Entrevistador: Você acha que os pesquisadores de currículo, hoje, se aprofundam mais nas experiências de outros países, estão mais abertos a isso, ou ainda existe uma resistência a este propósito? Em outras palavras, os pesquisadores estão mais abertos ao debate, ou ainda existe muita resistência, como se isso fosse uma importação de experiência?

Entrevistado: Os pesquisadores brasileiros sempre leram, sempre se aprofundaram. Porque o campo de estudos curriculares, quando começou, era tipicamente quase uma cópia do norte-americano. Então a influência não acabou. Aliás, nem acho que deva acabar. Eu acho que a leitura do que está se fazendo em outros lugares precisa ser feita, sem subserviência, de uma forma crítica, tentando entender em que medida aquilo que está sendo feito lá pode ter alguma ressonância aqui, positiva ou negativa. Mas o que não faz sentido, é copiar, também não faz sentido querer se submeter ao que está sendo feito no exterior, só por ser alguma coisa que venha do exterior, como já ocorreu e ocorre.

Entrevistador: Nesse sentido, se destaca também a questão da identidade, temática que muito interessa ao trabalho de todos envolvidos aqui nessa entrevista. Há uma ameaça às identidades nacionais diante das exigências dos organismos internacionais? Se há, como pensar e agir a respeito?

Entrevistado: Eu não sei se a palavra é ameaça. É um pouco, a meu ver, uma palavra forte demais. Mas que há uma mudança, há, sem dúvidas. Que as identidades nacionais são afetadas, elas são. Ameaçadas

eu não sei, porque afetada, pode ser positivamente, pode ser negativamente, e aí seria mais ameno que o sentido da palavra ameaça.

Entrevistador: Você pensa a questão curricular como uma política cultural, ou seja, como uma política que transcenda a escola?

Entrevistado: Sim, com certeza! Muitas vezes a gente traz coisas que são aprendidas ou absorvidas na escola, mas que em pouco tempo, estão, ou podem estar em outros espaços da sociedade. E aí, como é que depois esses valores transitam por esses espaços? É algo a ser pensado. Uma coisa é como transitam na escola, outra, é como transitam em outros espaços e em outras cronologias, sendo que esses outros espaços podem, aí sim, ser mais ou menos ameaçadores.

Entrevistador: A partir daí, se nos permite, se faz destacar, dentro desse pensamento, que há uma perspectiva plural que se expressa no mercado global a partir do hibridismo. Você cita, em seu texto, a ideia do confronto entre o hibridismo e a questão da insularidade, o confronto entre o culto e o popular, entre o tradicional e o moderno, entre o nacional e o estrangeiro. Tudo isso provoca e acentua a perda de identidade?

Entrevistado: Esses confrontos podem acarretar essa perda, quando um grupo menos poderoso é silenciado, por exemplo.

Entrevistador: E a defesa do local gera resistências herdadas, revoltas, movimentos violentos. Você acredita, como Zygmunt Bauman imaginou e idealizou, que se pode chegar a uma fronteira ideal, de harmonização da convivência?

Entrevistado: É complexo! Eu acho que a preservação não deveria ser uma coisa limitadora, no sentido de fechar, de cercear. Que fique claro que nem tudo que vem de fora é ruim, muito pelo contrário. E preservar não significa necessariamente se blindar de algo novo. O que vem de fora pode ser útil, pode ser bom.

Entrevistador: Na conclusão do seu texto, se inclui a categoria de análises poder, o que nos dá a entender que você admite que a internacionalização do currículo é uma imposição de valores no hibridismo, pois existe uma intencionalidade. No início do trabalho de pesquisa, você afirmava, que não haveria análise de poder, não teria política envolvida. Depois, na conclusão, cita uma intencionalidade de quem está gerando o currículo. Então isso seria uma maneira de admitir que há uma imposição de valores dentro do que se chama de hibridismo? Tem que inserir, inevitavelmente, a questão política na análise de currículo?

Entrevistado: Poder pode! Mas pode haver também uma resistência a essa imposição. O poder pode estar tanto na resistência quanto na imposição. Por isso é tão necessária a análise de poder. O hibridismo, mesmo como forma de inclusão social, envolve poder. O hibridismo pode também não ser, necessariamente, uma inclusão social. Em tempos de pandemia, vimos como o hibridismo funcionou, muitas vezes como algo problemático. Assim, precisamos estar sempre pensando em como a política se articula com o currículo, com a escola e com a educação.

REFERÊNCIAS

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. A internacionalização do campo do currículo. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 13, p. 217-225, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1666/1515>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; RAMOS, Rosane Karl. Mobilidade educacional e a internacionalização dos estudos curriculares. **Revista Teias**, v. 17, n. 45, p. 163-175, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24601>. Acesso em: 10 jan. 2023.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).